

5

Conclusão

“Mentirei escandalosamente”, nos promete o narrador-autor na “página 115” de *Bolor*. Creio ser esta a promessa que os narradores de Abelaira cumprem em suas narrativas: *mentir escandalosamente*, a ponto de tornar a mentira evidente; ser *hipócritas* a tal ponto que aquele que tenta interrogar a estrutura e as regras de jogo dos livros eventualmente se vê obrigado a recomeçar, porque o hipócrita usa muitas máscaras, tornando sua identidade confusa.

A declaração sobre "mentir escandalosamente", contudo, é em si mesma uma 'mentira': ela está inserida no jogo ficcional e, como tal, não pode ser tomada ao pé da letra. Mas Abelaira não pretende nos 'enganar' nem nos iludir com as mentiras escandalosas. Pelo contrário, quando se dispõe a revelar sua ficção como jogo e como processo de desconstrução e reconstrução crítica da realidade, o que Abelaira deseja é ser profundamente honesto quanto às suas intenções e quanto ao seu fazer literário. É honesto ao dizer que 'mente' porque devemos entender que 'mentir' é um 'fazer de conta', e somente o 'fazer de conta' torna possível a ficção. Mais que isso, o efeito de estranhamento que encontramos em seus livros parece ter como função essencial permitir que leitor se distancie o suficiente da narrativa para não se perder emocionalmente nela, para manter o que chamamos, corriqueiramente, de "distanciamento crítico" da obra. Thanatus House, burujandu, a carne de pterodátilo, os múltiplos narradores (ou não...) do diário impossível de *Bolor*, todos eles são recursos que o escritor coloca em cena para nos manter atentos, para que nunca deixemos que as palavras nos envolvam a tal ponto que nos percamos nelas. Ao mesmo tempo, é uma escrita que procura nos seduzir e nos manter encantados, surpresos e curiosos em nosso estranhamento para que possamos virar a página e ver o que vem em seguida, para que o inevitável triunfo da morte possa ser adiado enquanto ficarmos mais um pouco, enquanto nos deixarmos prender pela curiosidade de saber o que vem em seguida, qual a próxima sátira, o próximo comentário astuto, a próxima voz que diz “quem escreve sou eu”. Em seus textos, os narradores

dizem sucessivas vezes que aquilo que pode ser lembrado se mantém vivo, e não há lugar melhor que a escrita para fixar as memórias.

Se escrita é receptáculo da memória do ser, Abelaira não nos deixa contudo esquecer que é também uma de re(a)presentação da realidade. Seus textos estão constantemente denunciando que há neles uma 'farsa', algo que não deve substituir a realidade. Presenciamos atores em um *Teatro*, observamos um *Instantâneo* de vidas⁶⁷, andamos de carrossel com o autor que nos mostra cenas e flashes de relacionamentos e cotidianos imaginados, mas que a todo momento nos provoca, nos deixando entrever um rosto que enuncia textos um pouco diferentes por trás de várias máscaras, sempre fazendo gestos para que notemos que há algo mais ali, algo que cada um deverá investigar por conta própria.

Respeitando o que me parece ser a intenção do escritor naquilo que escreveu, não termino esta dissertação com uma conclusão que "feche" tudo o que foi dito. Assim como o "- T" indeterminante de *Bolor*, quero deixar ao final de tudo uma marca que indique a continuidade dos pensamentos aqui expostos e das propostas de leitura. Pretendo que esta Conclusão seja o término deste percurso do pensamento mas que também possa se tornar uma abertura para um universo de coisas que necessariamente ficarão de fora desta dissertação. A escrita de Abelaira, além de apaixonante, remete a tantas coisas que seria preciso escrever não apenas um livro, mas vários, para poder dar conta, minimamente, da teia de sentido por ele tecida.

Guardei para o final mas não deixarei de fora um trecho minúsculo, difícil de notar em meio às muitas remissões a obras literárias e musicais que o autor faz. Está na página 87 de *O Triunfo da Morte*, significativamente colocado logo após uma conversa cujo tópico gira em torno do que seja escrever um livro.

⁶⁷ *Teatro* e *Instantâneo* são títulos de 'contos' de *Quatro Paredes Nuas*, de onde também tiro a menção ao "carrossel" na metáfora que se segue.

O narrador conversa com um personagem enfermo, num hospital. Em meio a digressões variadas ele diz: "[...] Enfim, não sei se alguma vez leste o mais belo romance da história, o *Tristram Shandy*." Depois muda de assunto e não fala mais a respeito.

O que pode ser mais revelador sobre Abelaira do que esta curta frase, solta no meio do nada, em que seu personagem declara tão abertamente de sua paixão por *Tristram Shandy*, que nada tem a ver com a narrativa em si, muito menos com este personagem? Menciona justamente o livro que é, talvez, a mais evidente remissão à própria obra de Abelaira⁶⁸. Sem me alongar, basta dizer que possui nove volumes, os dois primeiros publicados em 1759 e os outros escritos ao longo de mais de dez anos. É famoso por ter tantas interrupções e fragmentos que o *nascimento* de *Tristram Shandy*, personagem cujo nome é título da obra, ocorre apenas no vol.3. Estruturado por interrupções, divagações, críticas e comentários de personagens diversos, *Tristram Shandy* é um marco da ‘fragmentação pós-moderna’ (em 1759) e talvez seja para o escritor Abelaira, que entrevejo aqui em meio à voz deste personagem, um protótipo e exemplo extremo de sua escrita, seu modo de compreender, apreender e narrar o mundo.

Há uma bela tese de Literatura Comparada a ser escrita, uma que pense a relação entre a estrutura fragmentária e o humor de Sterne, em *Tristram Shandy*, e o que encontramos na obra de Abelaira. Há uma outra tese a ser escrita falando sobre o conceito de ‘estranhamento’ no texto do autor, relacionando-o às formas como Beckett e Brecht, contemporâneos, trataram do mesmo assunto. Há um percurso partindo do estruturalismo e passando pelo pós-estruturalismo para mostrar como a noção de “autor” evoluiu e, pensando no conceito de autoria nas obras de Abelaira, investigar

⁶⁸ Coerentemente com meu conceito e pontos de vista expressos na dissertação, cito aqui não um estudo, mas um site com estrutura 'hipertextual' que reúne vários estudos, ensaios e o texto completo de *Tristram Shandy*: < <http://www.tristramshandyweb.it/> >

as aproximações e distanciamentos entre seus narradores e uma ‘função Autor’, se é que tal coisa existe.

Estas, contudo, são tramas a serem tecidas em algum outro momento, talvez por outras pessoas, pois agora é hora de encerrar minha dissertação, deixando em aberto tudo aquilo que não me coube fechar.